



# Notas sobre o Trabalho do Professor Martin Luther Kilson

POR STEFANO HARNEY E FRED MOTEN

Texto publicado originalmente como posfácio de *A Black Intellectual's Odyssey: From a Pennsylvania Milltown to the Ivy League*, Duke University Press (2021), pp. 161-172; título em inglês: “Notes on the work of Professor Martin Luther Kilson”.

Em Harvard, no início da década de 1980, assistir às aulas do professor Martin Luther Kilson era estar na linha de frente de uma guerra de oposição. Estávamos em movimento e esse movimento significava que toda semana ele entrava na sala de aula com exemplares de artigos dos principais jornais, publicações acadêmicas e uma grande variedade de revistas. Ele as distribuía, fazia perguntas sobre a semana passada e, geralmente, lançava uma análise sobre como era importante que determinada autora conseguisse espaço para escrever algo que contestasse a supremacia branca, ou sobre que um inimigo determinado havia sido capaz de perpetuar mais um argumento fraudulento. Uma atenção constante era dada aos assuntos de política internacional e ao que de costume se chamava de “assuntos nacionais”. Suas aulas não terminavam na sala de aula. Se você passasse pelo escritório dele, seria provavelmente conduzida pela sala ou orientada a pegar mais artigos e livros. Gostávamos de ir ao seu escritório porque ele havia requisitado uma grande mesa comum onde em uma das extremidades, trabalhava em uma máquina de escrever, enquanto na outra, espalhava todos esses materiais. Seu escritório era de fato uma “sala de situação”<sup>1</sup>. E, mais do que frequentemente, uma sessão na “sala de situação” terminava com um convite para jantar na casa que o professor Kilson compartia com a sua parceira, a antropóloga e professora universitária Marion Kilson. A aula era retomada no caminho até sua casa e continuava durante o preparo da comida e a refeição e terminaria com o café em um estudo que mais parecia o arquivo profundo da “sala de situação”. E você sairia – é evidente, com mais artigos e cópias já anotadas de seus manuscritos de trabalho – satisfeita com a cozinha de Martin e feliz com os *manhattans*<sup>2</sup> de Marion.

1 N. T.: Em inglês “*situation room*”, em português, “sala de situação” ou “sala de crise”, são recintos em instituições governamentais onde são coordenadas ações de enfrentamento a situações de crise.

2 N. T.: *Manhattan* refere-se aqui ao drinque à base de whisky, vermute tinto e bitter.

Em nosso último jantar com o professor Kilson, ele brincou, mas seriamente, de nos acusar de não termos estômago para o incrementalismo. Cometemos o erro de soltar um insulto improvisado a Barack Obama, e ele merecidamente nos retrucou, após deixar-nos pensar, por cerca de 45 minutos, que havíamos saído impunes. E a sua crítica trouxe de volta uma questão que já havíamos nos colocado há muito tempo: o que a vigilância constante do professor Kilson em torno da política eleitoral e do Estado nos ensina, já que consideramos estar além e na necessidade de irmos muito além de tal política? Como negociamos o espaço entre a política que recusamos e as pessoas – retidas e constantemente empenhadas em se desatar dessa política – que amamos?

O professor Kilson habitou esse espaço ao mesmo tempo em que o recusava criticamente. Foi assim que ele viveu, trabalhou e caminhou. Nessa estada, nessa luta, onde a guerra de posições requer uma constante recusa dos princípios da posição, o professor Kilson chamaria a si mesmo por meio de nomes diferentes como “esquerdista de pés chatos” e “progressista pragmático”, para citar dois de seus favoritos. Seria fácil confundir a sua atenção ao *Ebony* ou à Dissidência com uma política de liberalismo ou de reforma ou de estímulo, mas isso seria esquecer que, antes que tudo, o professor Kilson era um boisiense<sup>3</sup>. No fundo, isso significava que ele via e sentia o mundo não como posições opostas do liberalismo, mas por meio de uma visão rigorosamente dialética, constantemente redobrada, que não podia permitir o foco estável de opostos, escolhas ou identidades. Esta visão dupla pairava em sua maior concentração na linha de cor, cujo antagonismo fundamental era constantemente diferenciado nessa e por essa visão dupla.

3 N. T. : Relativo a W. E. B. Du Bois

Então, como poderíamos compreender sua acusação? Talvez, ao invés da “guerra de posição” de Gramsci, fosse melhor compreender a “sala de situação” de Kilson como uma correção, ou seja, uma incompletude e um desvio, do problema político fundamental de Lênin, o problema do poder dual [*dvoevlastie*]. Lênin estava preocupado com a relação entre o Estado e os soviets. Ele viu a necessidade de tomar o poder do Estado e o perigo para os soviets e para a revolução de fazê-lo. A absorção histórica (pós-Lênin) dos soviets pelo Estado acabaria por moldar os debates em torno do triste destino do eurocomunismo. Em resposta a esses debates na década de 1970, Nicos Poulantzas insistiu que o Estado era “um território de luta” e que, ao invés de imaginar que poderia ser tomado no atacado ou destruído por sua escassez, os comunistas deveriam lutar nesse terreno por ganhos em modos de atividade paraparlítica, o que Mario Tronti descreve como sendo dentro e contra o Estado. Certamente Poulantzas se incomodava ao ser acusado de reformismo por ver o Estado como sendo investido de conflitos sociais e, portanto, valeriam a pena as batalhas diárias na luta eleitoral e burocrática, e ele enfatizava a necessidade de continuar a construir o outro poder, o Partido Comunista e, no caso dele, por suas associações. Mas o problema fundamental do poder dual não é, em última análise, a sua dualidade, mas o seu poder. O professor Kilson costumava dizer: “Eu temo o poder”, referindo-se às ofertas feitas a ele de posições de poder. No entanto, passadas inúmeras repetições, essa sua frase adquiriu um tom existencial. A estratégia do poder dual faz uma amarração em tudo o que emerge fora do Estado, não ao Estado, mas ao conceito de poder subjacente ao Estado. Isto alcança uma redução absurda no apelo de Frederic Jameson por um exército universal para ser o contrapoder do Estado, como se a

política pudesse ser sobrepujada por outra versão da sua base e essência, que devemos temer e combater. Mas o que ocorre quando vemos o poder dual com a visão dupla que a linha de cor exige e permite e que, por sua vez, torna a linha de cor visível? O que ocorre quando vemos que a divisão entre esses poderes é, na verdade, a linha de cor? Foi assim que começamos a aprender a ver as coisas na “sala de situação” do professor Kilson.

Uma dupla consciência do Estado encontra o Estado duplicado na sociedade civil e a sua base no poder como um princípio organizador manifesta-se mais ferozmente na supremacia branca que opera como um poder estatal extraestatal. Fazer cópias, sublinhar parágrafos e anotar textos – continuamente nos dar tudo isso não apenas como conteúdo, mas também como prática – foi sua maneira de nos ensinar a reconhecer e antagonizar o princípio organizador do poder, este que, em todo enunciado e em toda posição, é exercido de maneira iminente e inextricável. Declaração e posição. Ao rastrear essas declarações e posições – em tendência ao e na expansão do cuidado com o qual a insurgência radical negra estabeleceu, reconstituiu, desterrou, recuperou e encobriu esses rastros em complexidades de movimento de um modo que Pulantzas não havia e não tinha nem como sonhar – o professor Kilson nos ajudou e ainda nos ajuda a aprender a pro/posicionar a alternativa organizacional com e contra o próprio poder dual. O que emerge, então, não é um antagonismo fundamental entre o Estado e os soviets, já que ambos estão investidos de poder, mas, ao vez disso e de dentro e contra eles, algo como o não-poder, a não-política, a sociabilidade – exemplificados ou quicá amplificados especialmente pelo que Laura Harris nomeia como socialidade estética negra – do outro lado da linha

de cor, uma linha que por sua vez atravessa o estado e os soviets de hoje, isto é, os movimentos de hoje nas praças e nas ruas e através dos mares e fronteiras. Essa linha também permeava o ensino do professor Kilson, também, serpenteando e surgindo com a militância urgente e insurgente do incrementalismo negro.

.....

Quando conhecemos o professor Kilson, ele estava em uma profunda batalha com estudiosos e comentaristas neoconservadores negros. Em cartas, ele escrevia regularmente – quase que diariamente – para os jornais que davam espaço a esses neoconservadores negros, como o New York Times e o Washington Post, assim como aos seus amigos e colegas de confiança, como Julian Bond, Clyde Ferguson e Jerry Watts, onde apontava para os perigos e erros desta viragem neoconservadora. O estilo destas cartas, o modo como as suas referências produziam um uma extensão que percorria a história dos estudos negros, a fim de refutar certeira e o neoconservadorismo negro, formaram um corpo de trabalho singular que era como um gênero de escrita e de estudo a seu próprio modo. E embora pudéssemos geralmente compreender os seus argumentos, podemos também admitir que muito menos frequentemente compreendíamos a urgência e a persistência com que ele perseguia estes neoconservadores ou o que erroneamente nos parecia ser o seu compromisso com a esfera pública.

Foi necessária a publicação do primeiro de um de seus principais trabalhos já em momento avançado de carreira, *The Transformation of the African American Intelligentsia*<sup>4</sup>,

4 KILSON, Martin. *The Transformation of the African American Intelligentsia, 1800-2012*, Harvard (2014).

para nos ajudar a ver os verdadeiros desafios pelos quais ele lutava nos Estudos Negros, o que significa ver os verdadeiros desafios na crítica contínua da civilização ocidental – especialmente porque esta civilização encontrou o seu estabelecimento na retórica quebrada e no pensamento mutilado da vida intelectual oficial nos Estados Unidos. Nesse livro, o professor Kilson nos ensina por meio de um detalhamento histórico minucioso e dolorido que, em certa medida, de maneiras que eram simultaneamente uma função e uma recusa da força genocidadasegregação, a comunidade negra, praticamente a única entre todos os povos não-indígenas nas Américas, resistiu à divisão em uma classe de exploradores e explorados. Ele rastreia a luta sobre a ameaça iminente de uma tal divisão desde a década de 1890 até o presente, especificamente entre a intelectualidade negra. Ao longo dos anos, vimos inúmeras versões dos capítulos deste livro e muito mais capítulos do que os que foram finalmente publicados. Esta partilha e esta revisão foram integrais para o modo como o professor Kilson praticou os Estudos Negros, e voltaremos a isso. Aqui, neste momento, queremos insistir em como foi apenas por meio de toda a força do argumento completo do livro que nos foi permitido ver com ele a ameaça que o neoconservadorismo negro, em toda a extensão das suas modalidades, representa para esta experiência.

Isto quer dizer que não foi, ao fim e ao cabo, a vontade deste ou daquele neoconservador negro de sugar os representantes da supremacia branca nos círculos acadêmicos de políticas o que o motivou. Pelo contrário, ele foi mobilizado pela ameaça que viu no que um outro grande estudioso da tradição negra radical, Cedric Robinson, chamou de “preservação da totalidade ontológica”. O que o professor Kilson percebeu tão

agudamente na vida social negra e no melhor dos Estudos Negros (e os dois são inseparáveis e, em certo ponto, indistinguíveis) é uma teimosa, dolorosa e alegre conexão entre as pessoas e os povos negros que não poderia ser explicada ou totalmente regulada pelas perniciosas inovações do racismo da “regra de uma gota”<sup>5</sup> e pelo chauvinismo liberal e neoliberal, antiaboliconista e anticomum da cultura estadunidense. Até mesmo as exceções necessárias a esta resistência à exceção encenam e implicam solidariedades aparentemente impossíveis, e é a física antimetafísica dessa força social, as leis e os ritmos da sua conservação, que os professores Kilson e Robinson, nos seus diferentes modos boisianos, buscam estudar e ampliar. No final, apesar da sua utilização em contextos de estudos judaicos, italianos, polacos e outros estudos étnicos, e apesar da esperança do Professor Kilson de que seria de outra forma, a frase “o muro do gueto tem dois lados” se aplica apenas aos negros nas Américas. Para todos os outros “povos/pessoas”, um olhar para dentro do gueto revela, como disse Mao, como um se torna dois, prenunciando (e eclipsando) o que acontece quando o gueto é deixado para trás e quando o arsenal total da “América” de armas de expropriação e exploração é desfrutado. O que o professor Kilson nos ensina é que havia uma dinâmica interna do que Denise Ferreira da Silva chama de “diferença sem separabilidade” em ação na vida social negra. Dentro do gueto e fora dele, as pessoas negras recusaram a separabilidade que a raça exige; ele nos ensina, portanto, que as pessoas negras são, em certo sentido, as únicas pessoas que não são uma raça, uma vez que a raça exige a divisão do mesmo pro-posicionado.

5 N. T.: A “*one-drop rule*”, conhecida em português como “regra de uma gota” ou “regra da gota única” se apoia na ideia da hipodescendência e afirma que “ter uma gota de sangue” é suficiente para determinar a *raça* de uma pessoa como sendo negra. A regra de uma gota, que é um conceito característico da tipologia racial da colonização anglo-saxã e teve aplicação jurídica nos EUA até 1980.



Dito de outra maneira, e de um modo que o professor Kilson também o teria dito, ecoando um dos grandes estudiosos boisianos do nosso tempo, Nahum Chandler, o professor Kilson mudou a linha de cor, no seu próprio pensamento e no nosso, do problema da ameaça do século passado e deste. Se tivéssemos ou quiséssemos ter acesso a uma linguagem iluminista, de modo que pudéssemos deixá-la fertilizar o terreno que revolvemos, diríamos, em dívida para com Sylvia Wynter, que o problema da vida política na desumanização, quando e onde o homem (a humanidade) sobrerrepresenta-se a si, é sempre também a ameaça da vida social sem desumanização naquela recusa subtemporal e superlocativa da representação em que o humano toma e dá o seu lugar.

.....

Hoje, a reação (ao objeto) que o professor Kilson identifica no neoconservadorismo dos Estudos Negros não desapareceu. A sombra da conformidade separada e desigual que é um sintoma de individuação, propriedade e soberania – contra a qual Hortense Spillers nos adverte sob o termo comum de personalidade – é aquilo que operamos tanto sob como dentro. Detectamos a sua presença não apenas em tentativas diretas de apaziguar e agradar às forças da brutalidade, mas também em reivindicações justas de liberdade e de decolonização. É frequente que estas se movam por meio de sutis e diferenciadas e, finalmente, por meio de calibradas exigências por reconhecimento e reivindicações de propriedade, as quais todas são sancionadas por terríveis histórias de falso reconhecimento e roubo. O professor Kilson exorta-nos de maneira insistente a considerar que sanção não é justificação.

Por meio da força e da profundidade da sua urgência, podemos também participar melhor em outros aspectos, extensões e invenções do pensamento do professor Kilson e em como ele se portou dentro e com esse pensamento. O professor Kilson era um internacionalista convicto. Isto não veio, como se pode supor, dos dois anos que Harvard lhe concedeu para se transformar de cientista da política americana em africanista; nem veio do seu trabalho de campo em Gana. Se o impulso internacionalista surgiu por meio destas experiências, é porque já havia surgido muito antes por ele ter frequentado a Lincoln University. Numa época em que Harvard podia apenas imaginar a importação de estudiosos alemães e ingleses e, quando a história do império que esta universidade celebrava e fomentava tornando inevitável chalar alguns poucos judeus europeus, por sua vez, a Lincoln University, como outras faculdades historicamente negras, se vangloriava por ter professoras vindas da África, Caribe, América do Sul e Ásia. Essas estudiosas foram rápidas em destacar as fronteiras que cruzaram os negros nas Américas e, além, em alertar contra os perigos de não ver que essas linhas negras eram, na verdade, brancas. Estar na sala de aula do professor Kilson era também estar na oficina do internacionalismo negro, e os artigos, e as atualizações, e as histórias repetidas que ele partilhava e, o mais importante, os modos como ele partilhava eram as expressões de solidariedade internacional e antinacional.

O professor Kilson poderia ter descrito o seu trabalho em África como incremental. Ele falava da necessidade básica de formar sistemas políticos estáveis que incluíssem todos os povos africanos no continente a partir de um panafricanismo social e paciente que poderia

facilmente ser confundido – e foi por nós – com cautela ou mesmo gradualismo, e a sua ênfase na cleptocracia desenfreada e a sua avaliação pessimista dos regimes pós-coloniais certamente afastaram algumas de nossas colegas estudantes mais afro-capitalistas e de marcação nacional. Mas havia duas coisas que nenhuma de nós entendia muito bem. A primeira foi algo que ele disse ter ouvido uma vez durante sua própria pesquisa de campo. “Eu ouvi, e sabia que estava minando todo o sistema social, e então eu ouvi. Durante uma discussão, ouvi alguém dizer ao seu amigo: ‘Vou vender você! Vou vendê-los aos brancos!’” Nessa anedota, o professor Kilson estava nos ensinando a respeitar e a abarcar a e na imensidão catastrófica da escravidão africana e do tráfico transatlântico de escravizadas, para muito além do que era costumeiro nos estudos africanos, quer seja entre os estudiosos brancos ocidentais ou estudiosos africanos e afro-diaspóricos (com as notáveis predecessoras exceções de Walter Rodney, Samir Amin e Basil Davidson, que, juntamente com o professor Kilson, prepararam o terreno para o trabalho pioneiro de Babacar M’baye e Jemima Pierre, entre muitas outras). A trágica razão da sua paciência e do seu olhar lúcido sobre a África contemporânea era a profundidade da sua compreensão dos profundos danos provocados à sociedade africana pela escravidão gerada internamente e imposta externamente, pelo colonialismo e pelo humanismo racial da supremacia branca da cultura do “mundo”. Essa compreensão se tornou ainda mais aprofundada e fortemente aguçada pelo modo como ele sentiu o alcance da quebrada e quebrante vinculação na vida social negra, o que lhe deu a força para suportar a longa duração do (sub)desenvolvimento africano e afro-diaspórico.

Se o incrementalismo do professor Kilson se manifesta na sua paciência com as instituições, ele também é pintado por meio dos retratos mais profundos e profanos das personagens que prosperam nessas instituições, ao alimentar outras pessoas ao poder. Isto ganhou um formato específico em seu compromisso com Barack Obama. No entanto, nem nós nem o nosso irmão mais velho da extensa família de estudos do professor Kilson, Cornel West, conseguimos formular quaisquer críticas às políticas de Obama ou ao seu compromisso com políticas, que não derivassem do conhecimento e do exemplo do professor Kilson. Se ele foi menos imprudente do que nós em nossa capacidade de ser contra algo que tantos negros defendiam, ele também era mais presciente do que nós em sua compreensão do horror que ocorre quando os negros vendem a si mesmos e a outros negros. É por isso que a sua crítica, até mesmo quando a sua intensidade era dirigida a indivíduos que tinham vendido a si mesmos e a outros, e mesmo quando essa intensidade era silenciada de maneiras que não entendíamos, era sempre, em última instância, dirigida ao perigo comum e impessoal do poder cruelmente separatista e individualizador do neoconservadorismo negro. O objetivo do professor Kilson foi sempre o de preservar, e foi perseguido através da implacável e amorosa força generativa de sua crítica. Isto significa que ele gerava constantemente aquelas diferenças no estudo negro colaborativo que o mantinha vivo. No trabalho do professor Kilson, que é o pensamento negro na sua expressão mais fundamental, o pensamento negro se recusa a cair no equilíbrio da maneira como este se desmancha numa dialética do comunidade, onde a pressão do incremental é diariamente resistida nas práticas. A paciência do professor Kilson é, neste aspecto, um método para o cultivo cuidadoso do tumulto.

Numa elaboração mais avançada do seu incrementalismo, o professor Kilson cunhou e frequentemente utilizou o termo *coping strata*<sup>6</sup> para descrever uma parte da comunidade negra nos Estados Unidos. Não é tanto que esta parte compreendesse famílias que viviam de salário em salário, numa zona de contato em que a capacidade de cada família de viver assim dependia da capacidade de toda outra família para viver assim. É mais que esta parte da comunidade negra dos EUA, de modos que cruzam todas as várias fronteiras internas e externas da nação, compartilhava seus recursos que não eram apenas inseparáveis da, mas dados na partilha das suas necessidades, de uma forma que Marx aborda, mas à qual não consegue realmente chegar nos *Grundrisse*<sup>7</sup>. Mas parte não é a palavra certa e nem a ideia certa. A palavra *strata* leva-nos a imaginar uma parte em um todo estratificado, mas perderíamos algo se deixássemos as coisas assim, como uma modificação ou até mesmo uma antecipação da teoria da estratificação.

A *coping strata* é uma formação de classe que desafia a compreensão simples de classe, não apenas como um conceito matemático puro, mas também como um conceito para a economia política. Quando o professor Kilson usou esse termo, ele visava a sua pluralidade gramatical para se referir a algo coletivo, a um conjunto de conjuntos sobrepostos ligados por uma variedade de estilos, cada um

6 N. T. : A formulação de Martin Kilson de "*coping strata*" aparece em textos como: "Thoughts on Black Conservatism: A Review Essay", Trotter Review: Vol. 6: Iss. 1, Article 4, (1992). A palavra *strata* é facilmente traduzível por "estratos" no sentido de camadas se refere a teorias de estratificação social; já a palavra *coping* do verbo "to cope" significa, "enfrentar", "encarar", "lidar com", "dar conta de", "suportar", "aguentar", "conseguir de maneira satisfatória". Nesse sentido, uma tradução operacional poderia ser a de "estratos que encaram"; optamos por manter a formulação em inglês para não fixar uma palavra. Mais à frente, os autores farão uma elaboração mais detalhada do conceito.

7 MARX, Karl. *Grundrisse: manuscritos econômicos de 1857-1858: esboços da crítica da economia política*, Boitempo (2011).

com uma atitude própria em relação a uma compreensão geral de estilo, de lidar com a crueldade absoluta em e com um imperativo de sobrevivência. Essa crueldade era dada em todas as modalidades nas quais o capitalismo racial constitui um campo de acidentes impostos, a dispersão geral da chuva de balas perdidas reais e metafóricas que atinge a carne negra e pode atingir qualquer corpo negro, garantindo assim a sua individuação fatal. A esmagadora estrutura de intenção e decisão que é o capitalismo racial opera aleatoriamente, de modo que um espirro, um farol traseiro quebrado, um alarme despertador desajustado ou um golpe de fome entre as refeições podem levar a um desastre comum e incontido. As *coping strata* vivem dentro e com esse campo de catástrofe real e potencial e sempre na proximidade daquelas que não podem mais conviver com isso, tendo sofrido ou empreendido inúmeras separações: encarceramento mortal, tipos debilitantes de misérficação que esticam a sociabilidade ao ponto de ruptura e os vários modos de integração por ascensão que paradoxalmente mantêm as estruturas e as práticas segregacionistas das renovadas instituições “inclusivas”. A *coping strata* é sustentada até mesmo dentro e contra essas formas de separação, mesmo quando é pontuada, estriada e contidos por ela. Trata-se do conjunto de inflexão, que preserva a totalidade ontológica e as diferenças internas de suas práticas, o que também aponta para a maneira específica e surpreendentemente precisa pela qual o professor Kilson utilizou um termo mais familiar, multiculturalismo, ao observar que a sociabilidade negra constitui um multiculturalismo não eclipsado e sem precedentes na vida estadunidense. Isso se dá não somente por conta das diferenças internas a ela que, na trilha do professor Kilson, nos referimos cuidadosamente por meio do termo classe, mas também,

e devido a algo ainda mais importante, sua constante e constantemente renovada transnacionalidade. Também porque a controversa, mas não por isso irreduzível força da diferença sexual, e as maneiras como o que Hortense Spillers chama de “*ungendering*”<sup>8</sup>, refletia e resistia interna e externamente às normas impostas e devido à sua abertura – novamente, como condição material da imposição externa e predisposição interna – às formas e influências culturais não-negras, tudo aquilo que o professor Kilson descreve com precisão ao contar a sua juventude em Ambler, Pensilvânia, refletia e resistia. Se a *coping strata* tem estilo(s), ou uma atitude geral em relação ao estilo que implica e assegura esta abertura e multiplicidade, talvez isso venha do pressuposto da beleza, da riqueza e da complexidade da prática da vida social negra. Cada pedacinho do trabalho do professor Kilson, contra a corrente das ortodoxias temporárias, decorre desse pressuposto.

Sendo assim, se, no contexto de Harvard na década de 1980, nos departamentos de sociologia e governamentais a teoria da estratificação denotava uma perspectiva pluralista, a noção do professor Kilson da *coping strata* era ao mesmo tempo mais profunda e mais avançada. Naquela época, o funcionalismo de Talcott Parsons e a estratificação de Erik Olin Wright eram ensinados como dois lados da mesma moeda – dependendo de se acreditar que os talentos e recompensas dos “reconhecidos” ou da “elite” ou dos “conscientes” seriam utilizados simplesmente para delinear e consolidar estratos sociais ou para defender uma (di)visão mais humana da sociedade

8 N. T. : O prefixo inglês “*un*” denota a ação de “desfazer”; nesta direção, uma tradução literal possível de “*ungendering*” seria algo como “de(s)generificar”, no sentido de desfazer o gênero.

em geral. Naturalmente, como se tratava de Harvard, as estudantes deveriam agir de acordo com Parsons ao mesmo tempo concordando com Wright, elevando assim a nação. Se o pensamento de Marx foi realmente ensinado, foi muito menos considerado na pesquisa, foi como sendo um “teórico do conflito”. É claro que para o professor Kilson, como sempre, algo mais estava acontecendo em sua relação com a ciência social e política. A primeira dica foi seu contato constante com suas pedra-de-toque em Du Bois e nas conferências da Atlanta University e no estudo de Staughton Lynd sobre a vida nas pequenas cidades americanas, onde nem tudo estava bem e onde, ao mesmo tempo, encarar acontecia no estudo comum.

*Coping* não é nem o mesmo que se esforçar nem o mesmo que trabalhar. Se esforçar sugere, na melhor das hipóteses, reforma, e trabalhar, na sua precariedade, aumenta tanto para aquelas que têm emprego como para as desempregadas, nos lembra da rígida redução moral que é pressuposta na decadência do proletariado ao lumpen, que todos, sobre o quê, de Du Bois a Huey P. Newton, somos alertadas contra. Cope vem de coup (golpe) e carrega o sentido de um golpe que é desferido, ao mesmo tempo que implica também resistência, aguentar, conviver. *Coping* se aproxima a sentido de colocar algo no lugar até que algo outro aconteça ou se torne efetivo, um outro algo que não é apenas mais de alguma coisa qualquer e certamente não apenas mais do mesmo, o que muitas vezes é mais da mesma ausência que é dada nos registros simbólicos de renda ou de cidadania ou de propriedade, especialmente para aquelas a quem é negada a entrada nesses registros, de modo a que possam ser mantidas desiludidamente disponíveis para os que ganham, os cidadãos e os proprietários, o



que efeitos reais e brutais. *Coping* é plano de combate, a representação extática e sobrecarregada do que C. L. R. James chama de “o futuro no presente”. Este se move por meio de uma dupla recusa da estratificação, quando a mobilidade de ascensão se torna estritamente regulada, onde a mobilidade horizontal é exercida com urgência.

A *coping strata* é uma ideia kilsoniana que tende a desfixar as pessoas, já que as pessoas a quem se refere não estão apenas fazendo o que estão fazendo, mas também estão fazendo algo no lugar disso, ao invés disso, no deslocamento disso, na preparação e na prática de outra coisa. *Coping* é o que Wilson Harris chama de “ensaio infinito”. Os trabalhadores trabalham e os esforçados se esforçam, mas as *copers* (quem encara e enfrenta) aderem e se movem. O que quer que façam, estão sempre fazendo outra coisa, quase sempre por alguma outra coisa que está em outro lugar, antes e depois. Isto quer dizer que as *coping strata* partilham com os lumpen de Newton e com a linha de cor global de Du Bois uma certa falta de credibilidade no que diz respeito às camadas de estratificação, aos modelos de sociedade, aos alvos das políticas e à credibilidade da(s) ordem(s). Isso quer dizer que, para além disso, a ideia de *coping strata* talvez partilhe algo com a argumentação de Robinson em *Black Movements in America*<sup>9</sup>. Assim como tem havido duas ideias de liberdade nos movimentos Negros que por vezes se misturam e por vezes competem – uma sobre a realização da liberdade neste mundo e a outra sobre a liberar-se deste mundo – pode também haver ideias misturadas e concorrentes de e na prática de *coping*. Sim, é sobre aguentar, mas é também sobre seguir em frente; sim, é sobre sobreviver, mas é também sobre atravessar. Um tal

9 ROBINSON, Cedric. *Black Movements in America*, Routledge; 1ª éd. (1997).

desfoque de linhas é no interesse de uma clareza absoluta. Esta lição, que o professor Kilson nos ensinou em Harvard, foi algo que ele começou a aprender muito antes de estar lá, ou em África, ou em Lincoln. Seu conhecimento dos movimentos negros nos Estados Unidos remonta a Ambler, e o seu caminho singular de estudo esteve profundamente implicado em como esse conhecimento havia chegado lá. A razão pela qual *From a Pennsylvania Milltown* começa de uma forma tão memorável, não com a origem do professor Kilson, mas com o de onde vinha e viera a gente de sua cidade natal, é porque, o que está em jogo, finalmente, é o movimento, não a origem. O professor Kilson nos ensinou que movimento é preservação militante em transformação. Ele nos ensinou que se mover é encarar, à medida que estouramos o incremento.

.....

E assim então voltamos ao que é ter sido ensinado por Kilson e ser capaz, agora, de ver de onde veio tudo o que recebemos dele e por meio dele, de onde veio. Por um lado, o privilégio de estudar com ele foi uma experiência profunda de imersão nas águas dos estudos negros. Nós dois tivemos precedentes para esta imersão, embora em diferentes graus e em diferentes formas, por meio de diferentes pessoas. Bob Harney foi um historiador da imigração que dizia regularmente que todos os imigrantes são migrantes económicos por razões políticas. O professor Kilson reconhecia nesta frequente declaração, uma rejeição – em ambos os lados do Atlântico – das categorias ocidentais padrão de povidade ou nacionalidade e a insistência em ver a ferida que não sararia nas mãos infectadas destas categorias. B. Jenkins foi um educador e defensor que celebrou com uma solenidade de fardo e alegria a longa história negra

dos achados e perdidos no estudo constante e social, de seu som e seu sabor, sua imagem e seu significado, seu movimento e seu sentir. De maneiras que nos lembravam de nossos primeiros professores, o professor Kilson vinculou a análise da economia política genocida à prática recital do conservatório da mesa da cozinha. Para ele, ensinar era “estar em contato”<sup>9</sup> com tudo isso, e o estudo que empreendíamos e o estudo que negligenciávamos se misturavam a esse sentimento de estar em contato. Sua analítica se motivava e pontuava pela maneira como ele evocava os nomes das estudiosas negras, do passado e do presente, e pela maneira como se repetia e comentava sobre si mesmo, nomeando e renomeando a si mesmo e a nós por meio de dezenas de maneiras, de modo que tudo isso, e que todas nós pudéssemos, então, ser nomeadas novamente. Ele descrevia suas professoras e colegas por sua maneira de vestir, estilos e maneirismos, bem como com exatidão por meio de suas teorias e relações com seus campos, origens étnicas e locais de nascimento. Biografia e teoria revolvidas sem se assentar. Novamente, agora podemos ver que a flutuação e a brincadeira e também a mais profunda condenação, vieram da mesma fonte – a recusa da vida social negra em ser coerente e aderir às prerrogativas dos últimos 500 anos da acumulação primitiva de populações, classes e raças, e o que a professora Denise Ferreira da Silva chama de “a implantação letal da identidade”. O preço desta preservação da incoerência é sem precedentes, e é por isso que o professor Kilson persistia em dizê-lo o tempo todo, necessariamente nos limites borrados da coerência, onde cada dano causado a cada pessoa negra é um dano a todas, na negritude.

10 N. T. : No texto em inglês “*being in touch*” cuja tradução literal seria “estar em toque”; estar em contato, remete aqui a estar em toque, tocar.

Se estar na sala de aula do professor Kilson – e estar na casa dos Kilsons – era estar na vida de estudo negro, é porque essa vida já era plenamente vivida numa cidade industrial da Pensilvânia. Em suas memórias, o professor Kilson mostra que a vida não era vivida na compulsão da especialização e da profissionalização modernas, mas com uma soltura, com um sentimento de que não se poderia nunca lembrar de ou se segurar em tudo, mas que, de todo modo, tudo estava nos segurando. Temos agora o sentido de que o tipo de trabalho que ele estava tentando fazer, o trabalho de preservação que ele só poderia fazer constantemente arriscando o que está preservado na coleção diferenciadora, na conjunção estriada, de sua própria linguagem, foi fomentado e exemplificado na sala de aula de sua cidade natal e todos os seus refugiados em diversas situações e interagindo, especialmente as pessoas racializadas negras cuja negridade compartilhada, cuja partilha da negridade desafiava a racialização. Tendo sido suprido por suas alunas, o professor Kilson lhes ofereceu algo mais do que a carreira do indivíduo, para a qual a educação da Ivy League é um sistema elaborado e mimado de apoio carcerário. Como é possível que, à medida que envelhecia, se tornara mais radical? Não se trata apenas de uma questão de comparação com aquelas nos Estudos Negros cujo desejo de vocalizar uma opinião sobre a Palestina ou de iniciar um grupo de estudos na vizinhança é glamourizado pela oscilação entre o reconhecimento e o insulto que gera a atmosfera institucional onde carreira e personalidade deveriam supostamente prosperar. Vemos agora que ele aprendeu a seguir o estudo negro com um amor tão desviante e obstinado que continuou encontrando-o, porque isso o atravessou, porque sua carreira, personalidade e individualidade nunca foram

totalmente formadas e tornadas completas no incrível conjunto de diferenças que eram todas ele e todas dele, e mais do que ele e mais do que dele, tudo que ele tão generosamente compartilhou. Como tivemos tanta sorte?





Uma edição **Elemental e Matéria Crítica** Apoio Kunsthochschule für Medien Köln  
Tradução **Arnilar Packer** Revisão **Hilário M. S. Zeferino** e **Vinícius da Silva**  
Design **Diego Crux**



Apoio



Realização



MINISTÉRIO DA  
CULTURA



Este caderno foi produzido pelo programa

“Matéria Crítica para Massa Crítica”, para CASA-ESCOLA,  
projeto pedagógico da Casa do Povo, em 2023.

